

02-04-2021

TOM

Consuello Del Pratto Dias Leite

[Assistente social. Musicoterapeuta]

Como tenho estado por aqui falando sempre de música, faço uma espécie de provocação. Enquanto preparava este texto, eu ficava imaginando que os dois ou três gatos pingados que me acompanham na Coluna, devem pensar quando virem o título desta: *“Ih! Lá vem aquela musicoterapeuta chata falar das mesmas coisas. Tom Jobim nessa altura dos acontecimentos, com tanta gente morrendo, ninguém aguenta...”* Pois o TOM do título não é o grande Brasileiro de Almeida Jobim.

Claro está que pensei nele e penso sempre e, se me for dada a chance, ainda trarei ele por aqui. Mas o TOM a que me refiro não é o tom do grande humanista, um dos maiores músicos da história, orgulho do BRASIL, defensor da natureza, das causas ambientais, homem bom, alegre, brincalhão, sensível, gênio da raça humana, patriota que tem Brasileiro no próprio nome.

Tampouco me refiro ao tom do Antonio Carlos, homem-caçamba, que fez muito mais pelo Brasil do que o Brasil por si mesmo. Homem-caminhão, em cuja caçamba trazia um carregamento de mercadorias da natureza humana e sua exaltação: o piano, o violão, a bossa nova, o urubu, o índio, o amor eterno, o perdão, Lígia, as águas de março, a peroba do campo, a festa da cumieira, Elis, o peixe, o gesto, a garrafa de cana, a garota, Ipanema, a luz dos olhos teus, o choro da ausência, a eterna desventura de viver, a prece que ela regresse, os abraços apertados assim, Luíza, a insensatez, o amor tão sem cuidado, a sementeira do vento e a colheita da tempestade, o quanto é triste viver na solidão, o cantinho, a calma pra pensar, o tempo pra sonhar, a janela, o Redentor, o samba de uma nota só, o bem que eu te quero, as águas deste rio, a coisa mais linda que existe, Dindi, o que você não sabe nem sequer presente, a água de beber, a rua banhada de sol, o entendimento de seus olhos, a paixão que me devora o coração, a canção que me alegrava o coração, Bebel, a força da natureza, o amor que pode de repente chegar...

Não falo aqui de TOM - o nosso Jobim -, porque ele não merece um país que tem como presidente da República um facinora. O tom é outro. O tom de hoje é o tom de uma marcha fúnebre. Não é dirigido ao chefe da matilha. É dirigido aos que compõem a orquestra dessa marcha fúnebre. Caminhando pelos sertões sou cercada de crianças alegres, saltitantes, cantantes, risonhas, apesar da miséria. O tom: muitos de seus pais são bolsonaristas.

Votaram NELE e acreditam no auxílio emergencial como a dádiva para continuar acreditando NELE.

Pessoas simples que, muitas vezes seguem a ordem do pastor. Outras vezes é a fome mesmo que lhes conduz a qualquer lugar. Marcha fúnebre que me nego a dançar com minhas crianças. Bem que eu tenho vontade, às vezes, de falar com minhas crianças que cantar e dançar espanta e afasta os homens maus, como um tal de Bolsonaro. Mas não faço isso porque a arte que emana das crianças não merece ser misturada com coisas das trevas. Geralmente as cantorias e cirandas que faço com a criançada são acompanhadas pelos pais, na maior parte das vezes pelas mães e algumas vezes por pai e mãe. É curioso que os pais sozinhos são raros.

Provável retrato da sociedade patriarcal no comando e matriarcal no cuidado... Então, nas cantorias, uma ou outra criança faz pirraça, vem a mãe (ou o pai), dá-lhe uma bronca, a criança fica emburrada, vai sozinha prum cantinho qualquer e aí, com muito cuidado, dou um intervalo na cantoria sem que as crianças percebam que é por causa do/a menino/a tristonho/a. Aí chego no seu ouvido e sussurro: *“sem você a brincadeira não tem graça, o Brasil precisa das crianças pra deixar de ser um país triste. Vamos ficar alegres. Vem comigo...”*

A mãozinha que me leva de volta à roda, como se nada tivesse acontecido, me afasta do tom da marcha fúnebre. Que as crianças nos salvem dessa triste melodia, fundo musical de um genocídio, dirigida por um maestro perverso cercado de gente de todas as espécies, inclusive humildes, famintos e excluídos. É a essa gente que me dirijo, mesmo sabendo que elas não imaginam que o futuro de suas crianças está na mão de uma orquestra de repertório único, espécie de um samba de uma nota só às avessas: a marcha fúnebre que acompanha o enterro da democracia no Brasil. Nosso país caminha para transformar nossas crianças em milicianos armados, violentos, racistas, incultos, narcisistas, negacionistas, individualistas, pseudo-capitalistas. Se nossas crianças e seus pais ficarem ouvindo somente essa marcha fúnebre, o que podemos esperar? Que mintam descaradamente, que não respeitem os direitos humanos e ridicularizem os que os defendem, que destruam o meio ambiente rindo de nós e, apontando para nós suas motosserras, que defendam a tortura, a ditadura, o estupro, exceto de mulheres feias, e que, para solucionar o estupro de crianças na Amazônia, convoquem fabricantes de calcinhas, como foi a solução da ministra dos direitos humanos desse governo assassino. Essa marcha fúnebre eu não vou cantar com minhas crianças.

Com as crianças o TOM da nossa música é outro...

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.